

**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO ECONÔMICO
DO ABACATE (1)**

Eng.º Agr.º Antonio A. Amaro (2)

1 — INTRODUÇÃO

No Brasil, particularmente no Estado de São Paulo, a cultura do abacate encontra-se, atualmente, em um estágio de evolução dos mais animadores, representando apreciável fonte de renda e de absorção de mão-de-obra agrícola.

A questão econômica de maior interesse passa a ser a comercialização racional dessa crescente produção, quer em escala nacional representada

pela venda de fruta fresca ou pela industrialização do produto, quer no âmbito internacional, onde parece existir um mercado potencial em expansão.

Contudo, a comercialização envolve grandes problemas de horticultura, logística e de vendas para os quais não se pode esperar encontrar soluções fáceis, empíricas e pouco custosas. Obviamente, não há resposta geral válida para todas as circunstâncias devendo cada país ou região produtora

(1) Trabalho apresentado no I.º Congresso Brasileiro de Fruticultura, realizado em Campinas, de 12 a 16 de julho de 1971.

(2) O autor agradece a valiosa colaboração prestada pelo Sr. Maurício Eliseu Costa Romão e Srta. Ethel Dangot, estagiários. Centro Integração Empresa Escola — CIE-E.

analisar suas particularidades e suas relações com as realidades do mercado.

Sob o aspecto do mercado internacional, é difícil fazer-se uma apreciação mais pormenorizada abrangendo as principais características prevalentes em cada mercado consumidor face à inexistência de séries estatísticas mais longas, uma vez que, só mais recentemente, alguns países iniciaram a publicar em separado os dados relativos à importação do produto.

O presente trabalho constitui um estudo inicial sobre as perspectivas e características econômicas desta cultura no Estado de São Paulo.

2 — IMPORTÂNCIA

O abacate vem, paulatina e progressivamente, adquirindo grande aceitação em várias regiões do mundo graças ao interesse que os consumidores demonstram à medida que to-

mam conhecimento das suas excepcionais qualidades alimentícias e delicado sabor.

A produção mundial é difícil de ser dimensionada, mesmo aproximadamente, não figurando nas estatísticas oficiais dos organismos internacionais o "quantum" produzido em diversos países. Recentes estudos indicam que a produção mundial deva situar-se entre 500 e 600 mil toneladas anuais, despontando o Brasil como o maior produtor, onde possivelmente a maior parte não é comercializada ou sequer colhida.

Destacam-se ainda no cenário da produção mundial os seguintes países: México, Estados Unidos, Pôrto Rico, Cuba, Guatemala, Martinica, Cameroun, África do Sul, Índia, Israel e Filipinas.

Da mesma forma, a ausência de dados precisos e completos sobre as importações restringem uma avaliação

mais perfeita do comércio internacional. Como estimativa preliminar, sabe-se que em anos mais recentes a Europa Ocidental importava cerca de 4.000 toneladas por ano de frutas tropicais exóticas. Nesta cifra, o abacate representava maior parcela, da ordem de 3.500 toneladas.

Sòmente nos países do Mercado Comum Europeu (MEC) a importação de abacate atinge a 1.900 toneladas, ou seja, 85% do total de frutas exóticas tropicais importadas pela Comunidade.

Fora do MEC, o Reino Unido é o principal mercado consumidor de abacates na Europa, avaliando-se em 1.300 toneladas a quantidade importada em 1967.

Por outro lado, estimativa bastante razoável apontava para 1970 a possibilidade de ser atingida cerca de 8 a 9 mil toneladas como volume máximo a ser importado pelos

países europeus, levando em consideração as taxas médias de aumento nos últimos anos.

Caso o consumo atingisse a cifra média de meio fruto por pessoa, por ano, ou seja, metade daquele registrado nos Estados Unidos, a Europa Ocidental necessitaria de uma importação da ordem de 30 mil toneladas. Notadamente, na França e Inglaterra vem crescendo de modo substancial o consumo dessa fruta, principalmente na forma de saladas, e refletindo-se no aumento das quantidades ascendentes de importação que se registraram nos últimos anos.

Papel de relêvo nas exportações para a Europa vem ocupando Israel, onde a cultura enfrenta problemas como a salinidade dos solos e os ventos quentes, mas que graças às atenções do govêrno e os recursos dispendidos nas pesquisas de produção e comercialização, tem conseguido superar as dificuldades encontradas.

Resultados semelhantes aqueles alcançados por Israel poderiam também ser conseguidos pelo Brasil, que dispõe de condições ecológicas mais favoráveis, desde que as soluções fôsem amparadas em suficiente e necessário embasamento técnico-científico.

Estados Unidos, determinando as principais origens dessas importações e as épocas em que ocorrem;

b) Estimar as cotações médias mensais vigentes nesses mercados nos últimos anos, de modo a dar idéia não só do valor mas, também, das variações de preços que ocorrem dentro do ano, de acôrdo com as origens da fruta;

c) Fornecer elementos indicativos da cultura nos Estados Unidos e Israel no que diz respeito às variedades plantadas, épocas de colheita, volume produzido e outras características que influem no comércio da fruta;

d) Analisar algumas particularidades da produção paulista, procurando apontar fatores que deverão orientar as fases de produção e comercialização do abacate destinado ao exterior;

e) Procurar colocar o assunto em termos mais amplos,

3 — OBJETIVOS

Este trabalho não tem a pretensão de avaliar conclusivamente as possibilidades brasileiras de exportação de abacate para os mercados europeus e tampouco analisar em detalhes o comércio do produto no mercado interno. Objetivamente, êle se propõe a investigar aspectos considerados importantes no que diz respeito à produção e à comercialização do produto. Assim sendo, os objetivos específicos podem ser sumarizados como segue:

a) Procurar quantificar os volumes anualmente importados pela França, Inglaterra e

salientando pontos que ainda deverão merecer maiores trabalhos de pesquisa em função das informações econômicas preliminares apontadas.

4 — METODOLOGIA

Para sua realização o trabalho constou de pesquisa bibliográfica feita nas bibliotecas do Instituto de Economia Agrícola e da Diretoria de Publicidade Agrícola, ambas da Secretaria da Agricultura (1, 5, 6, 7).

Utilizou-se dos boletins diários de cotações de produtos agrícolas nos mercados europeus (2, 3), a partir das quais obteve-se os preços médios vigentes nos mercados pesquisados. Esses valores foram posteriormente agrupados por país de origem.

Para o mercado da capital de São Paulo, utilizou-se a variação estacional média de preços apresentada por HOFFMAN (4).

Dispôs-se também dos dados estimativos de safras agrícolas por municípios elaborados pela Secção de Previsão de Safras do I.E.A., além dos assentamentos de venda de mudas pela Divisão de Sementes e Muda da Secretaria da Agricultura.

5 — ANÁLISE DOS RESULTADOS

São a seguir apresentadas as principais características de produção e de comercialização analisadas no trabalho, a fim de que se possa identificar alguns aspectos considerados importantes e que permitirão não só estabelecer um quadro de referência para formulação de novos estudos, como, também, orientar, em princípio, os interessados na cultura e no comércio do abacate.

Para facilidade de interpretação dividiu-se este capítulo de acôrdo com o país cujos resultados procurou-se avaliar.

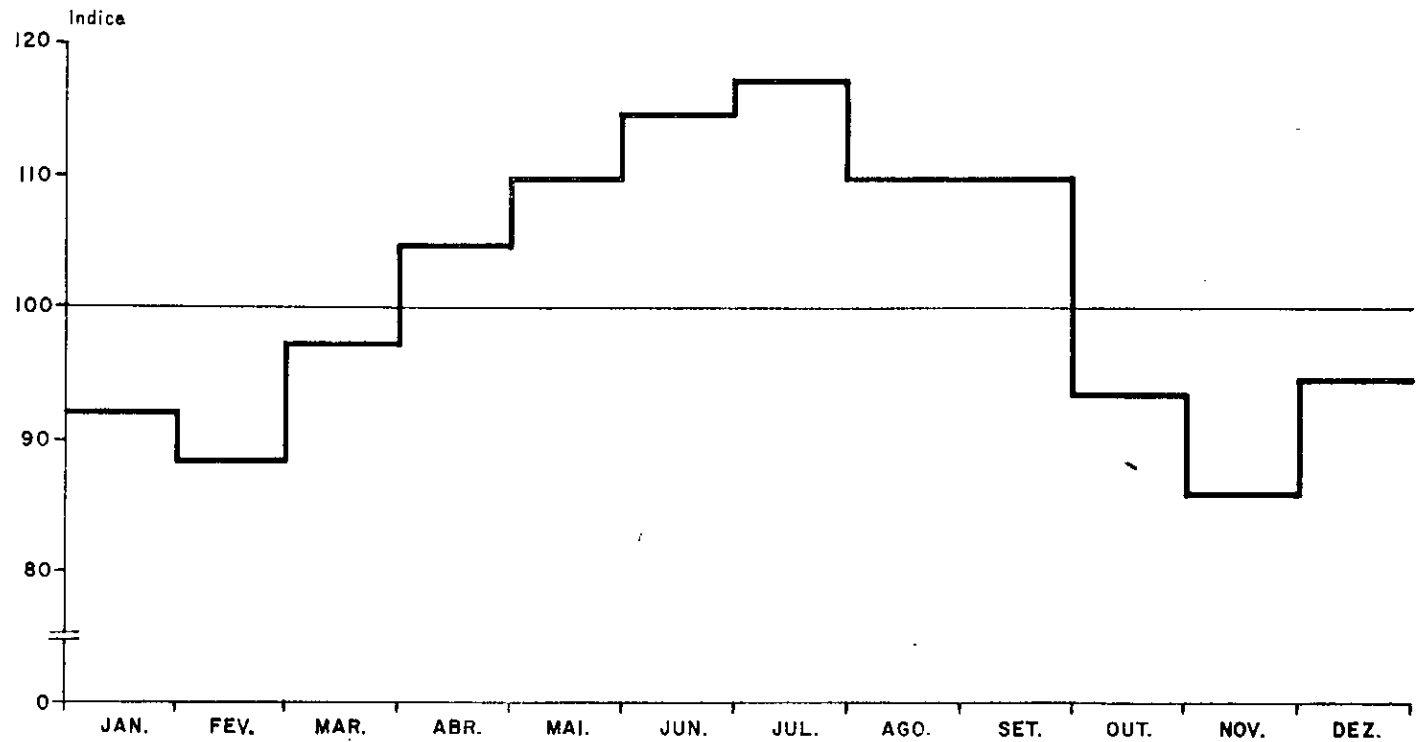


FIGURA 1. — Mercado Francês — Índices Médios de Preços no Atacado de Abacate, Paris, 1963-70.

5.1 — O Mercado Francês

O abacate disputa com o abacaxi o 10.º lugar na importação de frutas tropicais pela França, cuja posição vem mantendo regularmente nos últimos anos. O mercado francês é responsável por cerca de 87% da importação de frutas exóticas no Mercado Comum Europeu e, também, o principal importador de abacate na Europa.

Não obstante se ja ainda pouco conhecido dos consumidores franceses, em parte

devido à irregularidade da oferta apresentada pelas lojas e supermercados à sua clientela, a demanda por essa fruta vem crescendo nos últimos anos, tendo o Brasil possibilidades de penetração ativa nesse mercado, desde que possa abastecê-lo regularmente com produtos de boa qualidade, nas épocas de escassez (de abril a setembro), Figura 1.

Cifras exatas de importação só são conhecidas a partir de 1966 (quadro 1), quando o serviço aduaneiro francês, devido ao aumento nas quantidades

QUADRO 1. — Importação de Abacate, França, 1964-70

Ano	Quantidade (t)	Variação percentual
1964	350	—
1965	600	+ 86%
1966	821	+ 37%
1967	1.634	+ 99%
1968	2.359	+ 44%
1969	2.278	- 3%
1970	3.149	+ 38%

Fonte: Fruits Institut Français de Recherches Fruitières Outre-Mer (IFAC).

importadas, estabeleceu uma nova classificação para as frutas tropicais, existindo desde então na nomenclatura uma posição específica para o abacate (080145).

O principal abastecedor, tanto em Paris, como em outras capitais da Europa, é Israel, que envia regularmente seu produto de qualidade homogênea. Sua safra vai de outubro a abril, com pequenas variações de ano para ano, com uma definida tendência de aumento nas quantidades comercializadas.

Em fins de setembro começam a chegar os primeiros lotes originários de Israel, passando a dominar o mercado, notadamente a partir da 2.^a quinzena de outubro quando há uma forte progressão da oferta. Na época do Natal, há um relativo aumento da procura, sendo que em novembro e fevereiro, chegam as maiores quantidades que superam em algumas semanas mais de 100

toneladas, passando a diminuir em fins de março (Figura 2).

No começo do ano a qualidade nem sempre é das melhores, e as variedades ofertadas a partir de fevereiro são pouco apreciadas pelo consumidor francês.

No decorrer de 1970, parte dos embarques de Israel foram realizados em "containers" refrigerados e cujos resultados parecem ser conclusivos sob o ponto de vista da qualidade dos frutos.

Martinica inicia sua safra em setembro, terminando na 2.^a quinzena de novembro e, às vezes, em dezembro. Seu produto em geral é inferior ao de Israel, de qualidade heterogênea e com cotações mais baixas (figura 3).

Cameroun envia seu produto a partir de março indo sua safra até junho, ocasionalmente de fevereiro a julho. Em

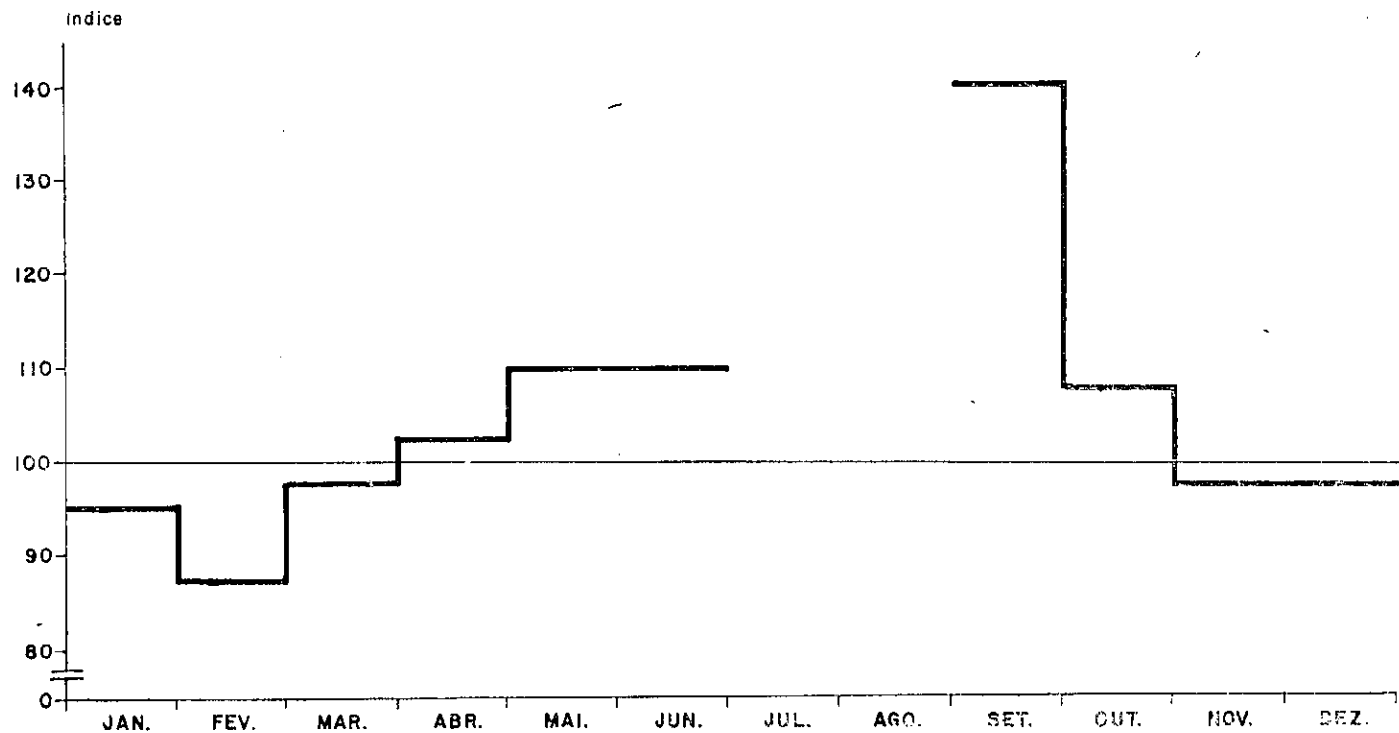


FIGURA 2. — Mercado Francês — Índices Médios de Preços no Atacado de Abacate, de Israel, Paris, 1963-70.

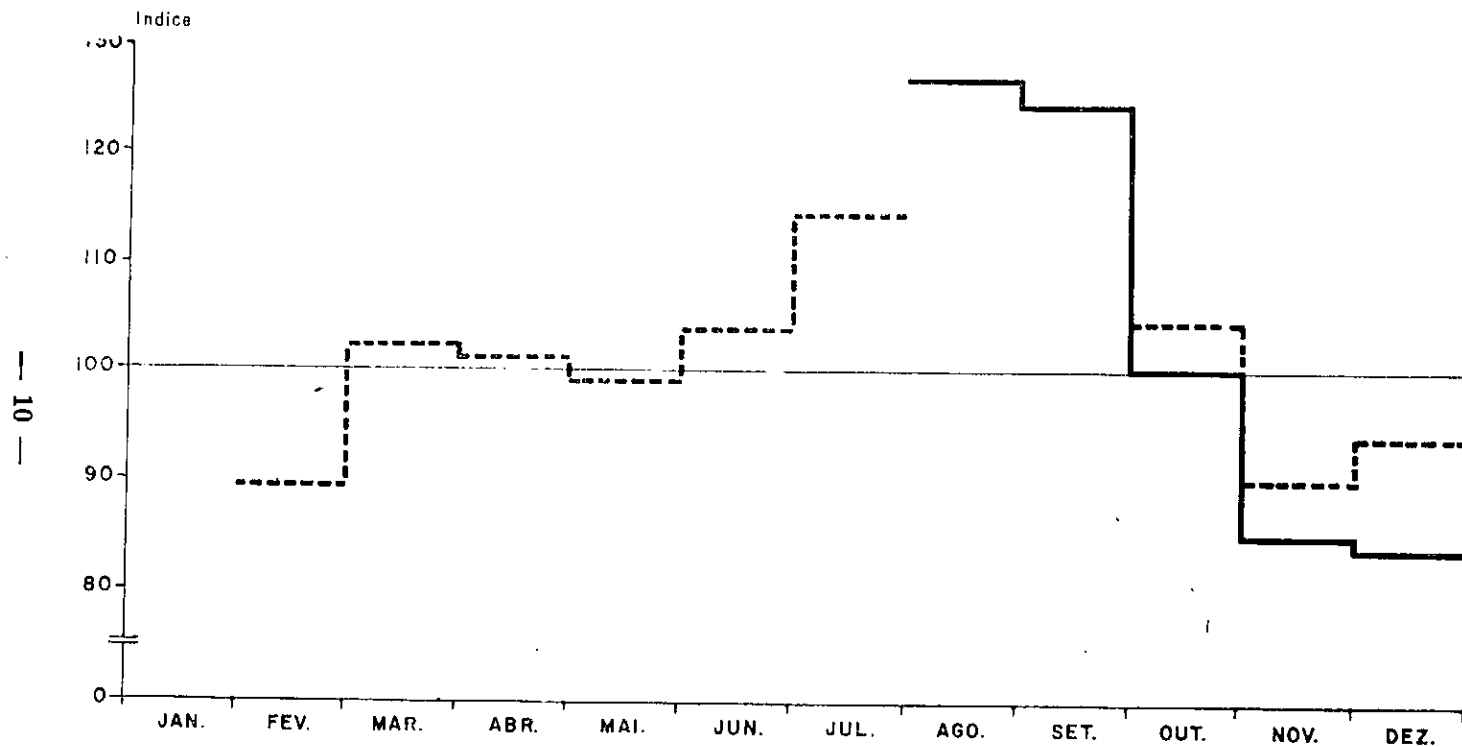


FIGURA 3. — Mercado Francês — índices Médios de Preços no Atacado de Abacate do Cameron e Martinica, Paris, 1963-70.

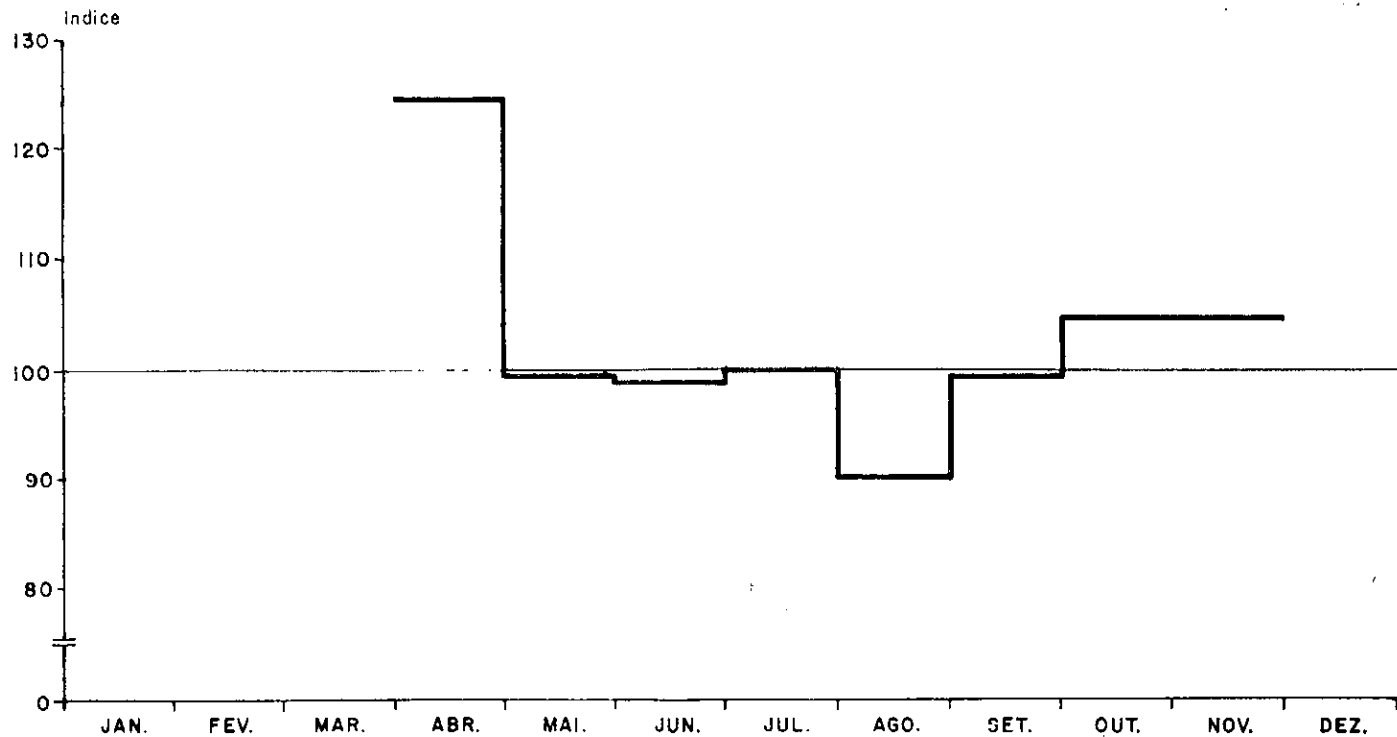


FIGURA 4. — Mercado Francês — Índices Médios de Preços no Atacado de Abacate da África do Sul, Paris, 1963-70.

que pese seja sua qualidade e quantidades irregulares, a cotação do abacate de Cameroun equipara-se em geral a de Israel, favorecida por uma época em que a quantidade é relativamente pequena no mercado francês (figura 3).

A África do Sul aparecia ocasionalmente no mercado, nos meses de maio a julho, mas, em anos recentes, dobrou as quantidades enviadas extendendo sua faixa até outubro e novembro. O produto é bem cotado em vista de que

nessa época não há quase concorrência de outros produtores (figura 4).

Assinalaram-se tentativas de importação de Cuba, porém não houve continuidade face ao deficiente acondicionamento e às variedades pouco apreciadas pelo consumidor francês, habituado ao produto israelense.

Em geral, a fruta é comercializada em caixas de papelão com uma camada apenas, contendo cêrca de 20 unidades e com pêsco variável de 5 a 8 quilos, conforme a origem.

QUADRO 2. — Cotações de Abacate no Mercado de Paris, em Francos por Quilo, França, 1963/70

Mês	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970
Jan.	15	20	22	23	20	16	15	27
Fev.	17	19	22	17	18	18	16	24
Mar.	20	23	22	20	20	18	19	25
Abr.	22	25	23	20	20	19	22	29
Mai.	22	25	24	24	20	18	28	28
Jun.	27	25	24	23	23	18	33	24
Jul.	27	26	...	32	21
Ago.	24	...	31	21
Set.	22	...	25	21	24	...	31	22
Out.	22	20	15	20	16	18	27	22
Nov.	17	18	18	15	18	17	23	22
Dez.	20	22	20	19	18	16	24	23
Média	21	22	22	20	21	18	25	24

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 3. — Índices de Preços Médios de Abacate no Mercado de Paris, França, 1963/70

Mês	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	Média
Jan.	71	91	100	115	95	89	60	113	92
Fev.	81	86	100	85	86	100	64	100	88
Mar.	95	105	100	100	95	100	76	104	97
Abr.	105	114	105	100	95	106	88	121	104
Mai.	105	114	109	120	95	100	112	117	109
Jun.	129	114	109	115	110	100	132	100	114
Jul.	129	124	...	128	88	117
Ago.	114	...	124	88	109
Set.	105	...	114	105	114	...	124	92	109
Out.	105	91	68	100	76	100	108	92	93
Nov.	81	82	82	75	86	94	92	92	86
Dez.	95	100	91	95	86	89	96	96	94

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 4. — Cotações de Abacate, Paris, 1963

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Martinica	3,40	2,40	2,90
Fev.	Israel	3,40	...	3,40
Mar.	Israel	4,40	3,40	3,90
	Cameron	4,50	3,80	4,20
Abr.	Israel	4,40	4,40	4,40
	Cameron	4,50	4,20	4,40
Mai.	Israel	4,40	4,40	4,40
	Cameron	4,40	4,40	4,40
Jun.	Chipre	5,60	5,00	5,30
Jul.	Chipre	5,40	...	5,40
Ago.
Set.	Martinica	4,50	...	4,50
Out.	Martinica	4,50	4,50	4,50
	Cameron	4,80	3,80	4,30
Nov.	Martinica	3,20	2,80	3,00
	Cameron	3,80	3,60	3,70
Dez.	Cameron	4,20	3,60	3,90

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 5. — Cotações de Abacate, Paris, 1964

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	4,20	3,80	4,00
Fev.	Israel	3,80	3,80	3,80
Mar.	Israel	4,60	3,80	4,20
	Cameron	5,20	4,50	4,90
Abr.	Israel	4,90	4,60	4,80
	Cameron	5,20	4,90	5,10
Mai.	Israel	5,50	4,70	5,10
	Cameron	5,00	4,70	4,90
Jun.	Israel	5,50	5,50	5,50
	Cameron	4,70	4,70	4,70
Jul.
Ago.
Set.
Out.	Israel	4,90	4,00	4,50
	Martinica	4,00	3,10	3,40
Nov.	Israel	4,60	4,00	4,30
	Martinica	3,00	2,50	2,80
Dez.	Israel	4,60	4,80	4,30

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 6. — Cotações de Abacate, Paris, 1965

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	4,80	4,00	4,40
Fev.	Israel	4,80	4,00	4,40
Mar.	Israel	4,80	4,00	4,40
Abr.	Cameron	5,00	4,00	4,50
Mai.	Cameron	5,00	4,00	4,50
	Af. do Sul	5,60	5,00	5,30
Jun.	Cameron	5,00	4,00	4,50
	Af. do Sul	5,60	5,00	5,30
Jul.
Ago.
Set.	Martinica	5,00	4,00	4,50
Out.	Israel	6,00	6,00	6,00
	Martinica	2,80	2,50	2,70
Nov.	Israel	3,40	2,60	3,00
	Martinica	3,00	3,00	3,00
Dez.	Israel	4,00	3,40	3,70
	Israel	4,40	3,40	3,90

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 7. — Cotações de Abacate, Paris, 1966

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	4,80	4,40	4,60
Fev.	Israel	3,60	3,00	3,30
Mar.	Israel	4,40	4,00	4,00
	Cameron	4,50	4,30	4,30
Abr.	Israel	4,40	3,60	4,00
	Cameron	4,00	3,50	3,80
Mai.	Israel	5,00	4,00	4,50
Jun.	Israel	5,00	4,00	4,50
Jul.
Ago.
Set.	Martinica	4,30	4,30	4,30
Out.	Israel	4,80	3,60	4,20
	Martinica	4,00	3,00	3,50
Nov.	Israel	4,00	2,80	3,40
	Martinica	3,00	2,00	2,50
Dez.	Martinica	3,00	2,50	2,80
	Israel	5,00	3,00	4,00

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 8. — Cotações de Abacate, Paris, 1967

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	4,40	3,60	4,00
Fev.	Israel	3,60	3,00	3,30
	Cameron	4,00	3,00	3,50
Mar.	Israel	4,40	3,60	4,00
Abr.	Israel	4,40	3,60	4,00
Mai.	Af. do Sul	4,40	4,00	4,20
	Cameron	3,50	3,50	3,50
Jun.	Af. do Sul	5,00	4,40	4,70
	Cameron	4,50	4,00	4,30
Jul.	Af. do Sul	6,40	5,20	5,80
	Cameron	5,00	4,00	4,50
Ago.	Martinica	5,00	4,50	4,80
Set.	Martinica	5,00	4,50	4,80
Out.	Martinica	3,50	3,00	3,30
	Israel	6,00	4,00	5,50
Nov.	Martinica	3,00	3,00	3,00
	Israel	4,00	4,00	4,00
Dez.	Martinica	3,00	3,00	3,00
	Israel	4,00	3,40	3,80

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 9. — Cotações de Abacate, Paris, 1968

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	3,50	3,00	3,20
Fev.	Israel	4,40	3,00	3,60
Mar.	Israel	3,60	3,60	3,60
Abr.	Israel	4,00	3,60	3,80
Mai.	Israel	3,60	3,60	3,60
Jun.	Israel	3,60	3,60	3,60
Jul.	Israel
Ago.	Israel
Set.	Israel
Out.	Israel	4,40	4,00	4,10
	Martinica	3,30	2,90	3,10
Nov.	Israel	4,00	3,00	3,70
	Martinica	3,30	3,20	3,20
Dez.	Israel	3,40	3,00	3,20

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 10. — Cotações de Abacate, Paris, 1969

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	3,40	2,80	3,10
Fev.	Israel	3,20	3,20	3,20
Mar.	Israel	4,40	3,20	3,90
Abr.	Israel	4,80	4,00	4,40
Mai.	Israel	5,80	5,20	5,60
Jun.	Af. do Sul	7,20	6,50	6,60
Jul.	Af. do Sul	6,50	6,30	6,40
Ago.	Af. do Sul	6,30	6,30	6,30
Set.	Af. do Sul	7,00	6,30	6,70
	Martinica	5,80	5,80	5,80
Out.	Israel	6,40	6,00	6,20
	Martinica	5,80	4,40	4,70
Nov.	Israel	5,60	5,20	5,30
	Martinica	4,00	4,00	4,00
Dez.	Israel	6,00	5,20	5,60
	Martinica	4,00	4,00	4,00

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

QUADRO 11, — Cotações de Abacate, Paris, 1970

Mês	Origem	Cotação em Franco/kg		
		Máxima	Mínima	Média
Jan.	Israel	5,60	4,80	5,30
Fev.	Israel	4,80	4,60	4,70
Mar.	Israel	5,20	4,60	4,90
Abr.	Israel	5,20	5,20	5,20
	Af. do Sul	6,80	5,60	6,20
Mai.	Af. do Sul	5,60	5,20	5,50
Jun.	Af. do Sul	5,20	4,20	4,70
Jul.	Af. do Sul	4,20	4,20	4,20
Ago.	Af. do Sul	4,20	4,20	4,20
Set.	Martinica	4,00	4,00	4,00
	Af. do Sul	5,60	4,40	4,70
Out.	Martinica	4,00	3,00	3,40
	Af. do Sul	5,20	5,20	5,20
	Israel	5,00	4,60	4,70
Nov.	Martinica	3,00	3,00	3,00
	Af. do Sul	5,20	5,20	5,20
	Israel	5,00	4,80	4,90
Dez.	Israel	4,80	4,40	4,60

Fonte: Reuters e Fruits (IFAC).

As melhores cotações coincidem com o período que vai de abril a setembro, época em que a quantidade ofertada no mercado é menor, embora no decorrer do ano não ocorram fortes variações (quadros 2 a 11). Nas últimas temporadas, observou-se uma tendência de diminuição na amplitude à medida que aumenta a oferta do produto de origens diversificadas (quadro 12).

5.2 — O Mercado Inglês

Fora da Comunidade Econômica Européia, a Inglaterra

é o maior consumidor de Abacate da Europa, tendo importado em 1969, 2.400 toneladas do produto, das quais três quartos provieram de Israel. Aliás, esse produtor é o único que envia regularmente sua fruta para o mercado inglês, tanto em quantidade como em qualidade, apesar de fazê-lo numa época (outubro a maio) em que o mercado é bem abastecido.

A África do Sul e Kenya são os principais concorrentes de Israel em vendas para o mer-

cado britânico. O primeiro envia seu produto de maio a outubro enquanto que o segundo o faz de junho a julho. A "performance" de ambos, todavia, não parece ameaçar a hegemonia de Israel, quer seja pela heterogeneidade de seus produtos, quer seja pela qualidade, ou, ainda pela irregularidade no abastecimento, ape-

sar de fazerem suas remessas na época do verão quando há uma tendência a maior consumo por parte da população inglesa.

O crescimento do mercado britânico tem acompanhado paralelamente aquele constatado na França, como se pode observar pelos dados do quadro 13.

QUADRO 12. — Importação de Abacate pela França, Segundo a origem, 1966-70

Pais	1966	1967	1968	1969	1970
	(tonelada)				
Martinica	169	...	474	408	536
Israel	528	...	1.561	1.387	1.636
Cameroun	37	...	101	95	126
África do Sul	57	...	191	316	716
Costa do Marfim	5	...	22	12	40
Marrocos	—	...	—	38	58
Outros	25	...	10	22	37
Total	821	...	2.359	2.278	3.149

Fonte: Fruits (IFAC).

QUADRO 13. — Importação de Abacate, Inglaterra, 1965-69

Ano	Quantidade (t)	Índice
1965	791	100
1966	1.288	163
1967	1.771	224
1968	2.571	325
1969	2.417	306

Fonte: Fruits Institut Français de Recherches Fruitières Outre-Mer (IFAC).

Todo o transporte é feito em navios frigoríficos, sendo o produto isento de tarifa alfandegária de importação quando proveniente de países da comunidade Britânica, porém, taxado em 10% “ad-valorem” quando originário de outros países.

Relativamente ao comportamento dos preços observou-se no período de 1966 a 1969 que as cotações foram mais elevadas de fevereiro a agosto, coincidindo com a primavera e o início do verão inglês, passando a decair após o mês de setembro em virtude da progressão na oferta originária da África do Sul. Nova elevação,

mas tão somente do produto de Israel, ocorre a partir de dezembro, quando então obtém suas melhores cotações.

5.3 — O Mercado Norte-Americano

Ao contrário, dos mercados anteriormente analisados, o americano reveste-se de características especiais por tratar-se de país também produtor. Dêsse modo, as importações tem objetivos de complementação das necessidades de consumo e são regulamentadas por disposições legais específicas, orientadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

QUADRO 14. — Produção de Abacate, E. U. A., 1958-67

Ano	Califórnia	Flórida	Total
		(tonelada)	
1958	51.500	4.100	55.600
1959	70.000	8.000	78.000
1960	35.500	1.800	37.300
1961	50.400	5.600	56.000
1962	51.700
1963	60.700
1964	24.000	13.400	37.400
1965	58.000	2.800	60.800
1966	70.500	5.800	76.300
1967	51.816 (1)

(1) Provisório.

Fonte: United States Department of Agriculture (USDA).

Nesse país, destacam-se como produtores apenas os Estados da Califórnia e Flórida, cujos volumes são mostrados no quadro 14.

Na Flórida a cultura ocupa, atualmente, cerca de 2.500 hectares fortemente concentrada no condado de Dade.

A par da elevada idade média dos pés, os pomares são em geral conduzidos, por não

proprietários que se incumbem dos tratos culturais e da colheita dos frutos. Por outro lado, 5 ou 6 grandes sociedades, embora possuam pouca área própria, controlam uma porcentagem muito importante da produção. Esta situação não é favorável à organização do mercado e tampouco a melhoramentos nas plantações.

O aumento anual da área cultivada nos últimos anos

não passou de dois por cento. Pode-se dizer que a produção de abacates na Flórida encontra-se estacionária e que a conjuntura econômica não parece muito propícia ao aumento desta cultura, fortemente influenciada pelos ciclones que ocorrem na região.

Em decorrência do preço elevado das terras, as densidades de plantio são geralmente altas, obrigando evidentemente a uma poda cada dois anos.

As principais variedades plantadas são: Booth 8, Lula, Booth 7, Waldin, Pollock e Booth 3, tôdas produtoras de frutas de casca verde e peso médio variando de 350 a 800 gramas.

Ao contrário, na Califórnia, principal produtor, predominam as variedades guatemalenses e híbridos de mexicana e guatemalense, que se caracterizam por produções alternadas, muito influenciadas pelas condições climáticas, mas

de tamanho e gosto muito apreciados pelos consumidores americanos. Atualmente, estão sendo recomendadas para plantio as variedades Fuer-te, Sultano e Hass, cujos pesos médios situam-se em torno de 300 gramas.

Enquanto a produção da Flórida chega aos mercados no período de setembro a dezembro, a produção da Califórnia é colhida durante o ano todo com predomínio no inverno e primavera (de dezembro a junho).

Dois tipos de caixa de papelão são utilizados: um com 14,5 a 15,5 kg e outro com 5,5 a 6,0 kg de peso líquido, sendo os frutos dispostos em alvéolos plásticos de tamanhos apropriados àqueles dos frutos.

O transporte é feito em caminhões frigoríficos e muitas vezes o produto é estocado em câmaras frias nos mercados de destino. As temperaturas

de estocagem variam de 4,5° a 7°C, ao passo que as variedades antilhanas preferem temperaturas superiores (8° a 10°C).

Face ao crescente consumo e às produções alternadas, o déficit de produção é comple-

mentado com produto importado em quantidade variável como se observa no quadro 15.

Os principais fornecedores têm sido nos últimos anos os seguintes países, pela ordem de importância: República Dominicana, Haiti, Pôrto Rico, Ilhas Windward, Ilhas do Pacífico, Venezuela e Jamaica.

QUADRO 15. — Importação de Abacate, E.U.A., 1958-67

Ano	Quantidade (t)	Ano	Quantidade (t)
1958	3.385	1963	7
1959	4.382	1964	34
1960	1.073	1965	125
1961	84	1966	393
1962	15	1967	554

Fonte: USDA.

Essas importações são feitas nos meses de verão de acôrdo com contingenciamento aprovado pelo Departamento de Agricultura daquele país, devendo pagar uma tarifa aduaneira de 7,5 cents por libra-pêso.

Pesquisa de mercado efetuada pelo USDA, entre os con-

sumidores, mostrou que o abacate era pouco conhecido pelos americanos sabendo-se contudo que, atualmente, vem sendo gasta, para estimular o consumo, a cifra de US\$ 1.000.000 em propaganda, apenas por uma afirma da Califórnia.

Dentre aquêles consumidores que já haviam provado a fruta, observou-se que 62% apreciaram o sabor e 22% acharam-no excelente para saladas, forma na qual é atualmente consumida 75% da produção.

Quarenta e três por cento dos que nunca o usaram informaram que não tinham conhecimento sôbre seu preparo e tampouco onde adquiri-lo. Apenas 13% não o faziam por achar caro.

Os consumidores americanos usam um ou mais critérios na escolha do abacate, incluindo particularmente características físicas do produto e época do ano. Assim, ao adquiri-lo observam o aspecto dando preferência à côr verde (52%), tamanho médio (54%) ou pequeno (41%), casca lisa (58%) e estado de maturação (51%).

Entre os consumidores pesquisados um terço compram-

-no o ano todo e o restante o faz em determinadas épocas, preferencialmente no verão.

5.4 — O Mercado de Israel

Em contraposição aos demais mercados analisados, o de Israel caracteriza-se por ser suficientemente abastecido com produção própria sendo o principal exportador mundial de abacate, cujos embarques atingem as principais capitais européias.

Para sua cultura, Israel enfrenta problemas como a salinidade dos solos e os ventos quentes e sêcos que sopram do deserto na época da primavera. Para isso, no vale do Rio Jordão, são empregados porta-enxertos das raças antilhanas mais resistentes a êsses fatores adversos, utilizando-se, também, como quebra-ventos abacateiros de pé franco de modo a atenuar a influência dos ventos que podem causar o abôrto das flôres e a queda dos frutos.

Em 1967, havia cerca de 550 hectares cultivados com abacate, dos quais 150 ocupados com pés novos, cuja colheita estimada em 4.000 toneladas na safra de 1967/68, deverá crescer nos anos seguintes.

As variedades mais cultivadas são da raça mexicana e seus híbridos, apresentando contudo um ponto desfavorável, pois seus frutos amadurecem na época em que o mercado, na Europa, está bem abastecido e ainda têm sua conservação dificultada pelo calor.

Além das mexicanas, são cultivadas, também, as guatemalenses e antilhanas cujo amadurecimento dos frutos ocorre em setembro, quando ainda existe pouco produto no mercado, sendo porém, uma época de conservação difícil dos frutos.

Assim, as variedades mais cultivadas são: Fuerte, Ettinger e Nabal. Além dessas pode-se citar Dickson, Duke, Lula e Taft.

Os pés da variedade Fuerte (híbrido guatemalense x mexicano) ocupam 60% da área plantada e seus frutos amadurecem a partir de outubro, podendo ficar na árvore até início de maio. Trata-se de produto bastante conhecido e apreciado em todos os mercados europeus por sua qualidade, e sua conservação frigorífica é boa, porém, apresenta produções alternadas.

A variedade Ettinger foi selecionada em Israel, originária de variedades mexicanas. Seus frutos atingem a maturação seis semanas antes do Fuerte indo sua colheita até fevereiro, sendo indicada para exportação devido à precocidade, forma e coloração adequada. Apresenta produção mais regular por ser autofértil.

Finalmente a Nabal, de raça guatemalense, ocupa de 10 a 40% das novas plantações, tendo seus frutos boas qualidades comerciais e maturação de fevereiro a março. Apresenta, contudo, produção alternada.

O abacate de Israel é enviado para Paris, Londres, Gênova e outras principais cidades da Europa, sendo empregado o transporte aéreo apesar de seu alto custo. Contudo, o transporte marítimo em câmaras com 6 a 8°C, também é bastante utilizado por ser mais econômico, atingindo Londres em 10 dias.

Cada fruto, depois de limpo, é recoberto com uma camada de parafina destinada a proteger e dar bilho, sendo posteriormente envolto em papel de sêda, da mesma maneira como se faz com as laranjas para exportação.

A seguir os frutos são acondicionados em caixas padronizadas de madeira (30 x 45 x 10 cm) ou de papelão duplo, com furos para ventilação, cabendo 12 a 21 frutos, que são acolchoados em palha de madeira.

Com respeito à evolução dos preços do abacate israelense

nas praças européias, a mesma foi alvo de atenção quando se estudou os mercados londrino e francês.

5.5 — O Mercado Brasileiro

Plantações de abacateiros, só existem em escala comercial em dois Estados — São Paulo e Minas Gerais. Nos demais encontram-se apenas pequenos pomares para abastecimento local e de pouca expressão econômica.

Em Minas Gerais existem plantações principalmente na região sudeste, estimando-se um total de 2.500 hectares plantados, no Estado todo. Grande parte dessa produção é enviada para o Rio de Janeiro, sem receber maiores atenções quanto sua apresentação e conservação.

Trata-se na quase totalidade de plantas de pé franco, com forma, tamanho e qualidade bastante variáveis.

No Estado de São Paulo, o abacate encontra-se hoje em um estágio de evolução dos mais animadores, ocupando o sétimo pôsto na renda bruta da fruticultura, com um montante que ascende a 32 milhões

de cruzeiros, com cêrca de um milhão de pés plantados e produção em tôrno de dois e meio milhões de caixas (25 kg). A evolução nos últimos anos pode ser observada no quadro 16.

QUADRO 16. — Número de Pés Plantados, Produção e Valor da Produção de Abacate, São Paulo

Ano	Pés em produção (1.000 pés)	Quantidade produzida (1.000 pés)	Valor da produção (Cr\$ 1000)
1965	571	2.050	...
1966	621	2.292	...
1967	707	2.781	...
1968	734	2.514	7.026
1969	804	2.085	14.595
1970	925	2.600	20.800
1971 (1)	1.000	2.641	31.700

(1) Provisório.

Ponte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Além de atender seu consumo interno, São Paulo é o principal abastecedor do Rio de Janeiro (o melhor mercado nacional) e dos mercados do sul. Os acréscimos na área plantada, que vêm sendo registrados no Estado, são re-

sultantes da perspectivas econômicas favoráveis ao cultivo da fruta.

Na figura 5, onde o mapa do Estado foi dividido em 5 regiões abaticulas de acôrdo com as zonas climáticas do Estado de São Paulo, segundo MON-

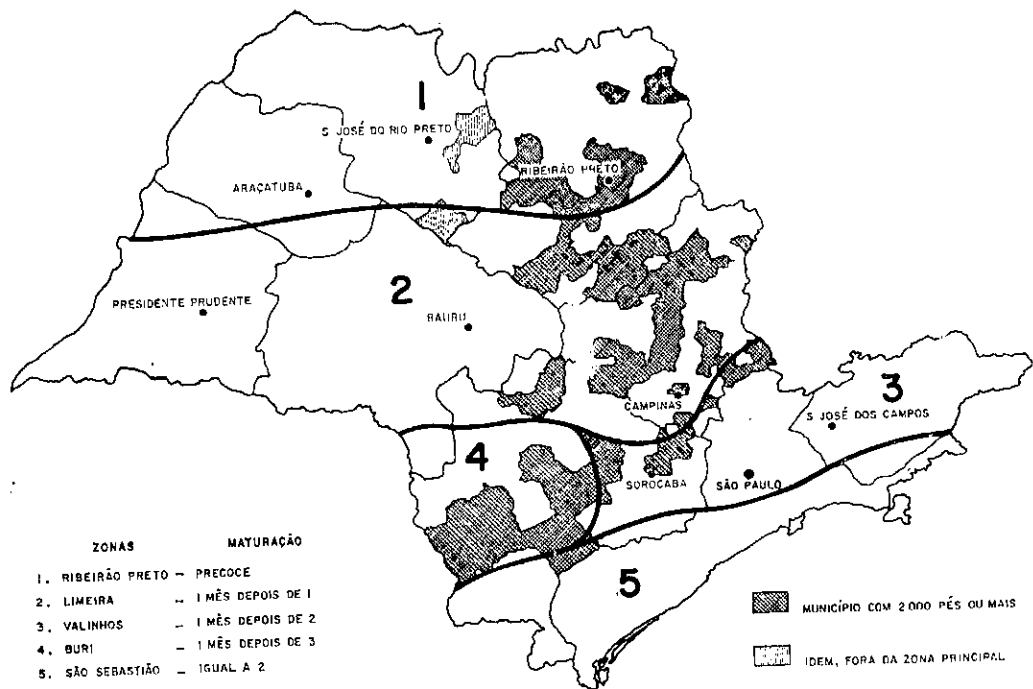


FIGURA 5. — Produção de Abacate no Estado de São Paulo, 1970.

TENEGRO (6), foram assinalados os municípios com mais de 2.000 pés plantados.

Observa-se que a predominância ocorre nas zonas ao redor de Limeira e Araraquara onde se sobressaem, além destes, os municípios de Araras, Pirassununga, Campinas, Jaguariuna, Jaboticabal, Jardinópolis e outros. Em faixas distintas do cinturão abacaticula, os municípios mais importantes são: Novo Horizonte, Uchôa e Olímpia.

Na faixa Sudoeste do Estado os municípios de Tatuí, Capão Bonito, Sorocaba, Itapeva, Itaberá, Itararé, Angatuba e Itapetininga, representam igualmente fortes concentrações produtoras, caracterizadas por produções mais tardias.

Inexistem levantamentos estatísticos completos a respeito das variedades plantadas, sabendo-se, todavia, que predominam as seguintes: Manteiga, Collinson, Prince e Wagner.

A época de produção varia, no Estado, com suas diferentes zonas climáticas, que podem ser vistas no mapa com as seguintes denominações:

- 1) Ribeirão Preto
- 2) Limeira
- 3) Valinhos
- 4) Buri
- 5) São Sebastião.

A maturação dos frutos de uma mesma variedade, nessas zonas, é obtida com uma diferença de aproximadamente um mês para a imediatamente superior (no número), sendo a mais precoce a zona de Ribeirão Preto (zona 1).

Existe, dessa forma, uma diferença em cerca de 3 meses no amadurecimento de frutos de uma mesma variedade, em Ribeirão Preto e na zona de Buri. Por esse motivo, pode-se colher abacates durante todo o ano, no Estado de São Paulo, em diferentes zonas.

Todavia, a produção não se encontra distribuída unifor-

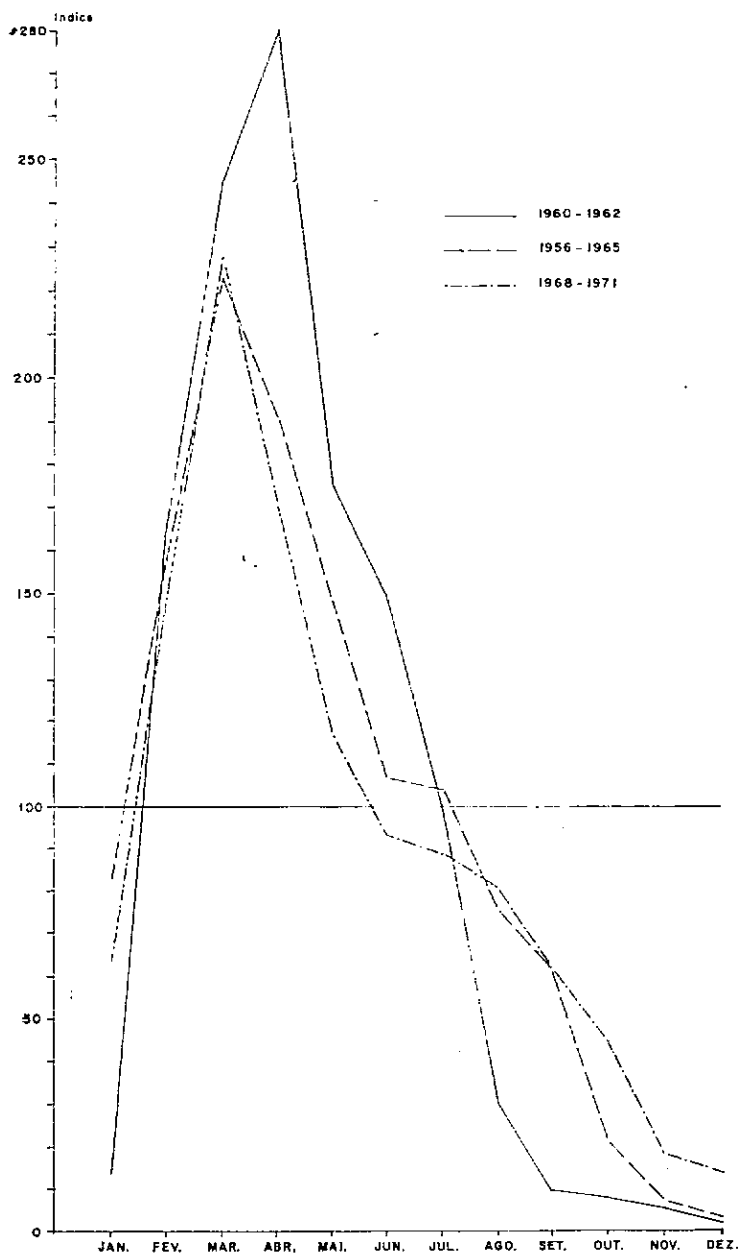


FIGURA 6. — Abacate — índices Médios de Entradas, São Paulo, Capital, 1960-71.

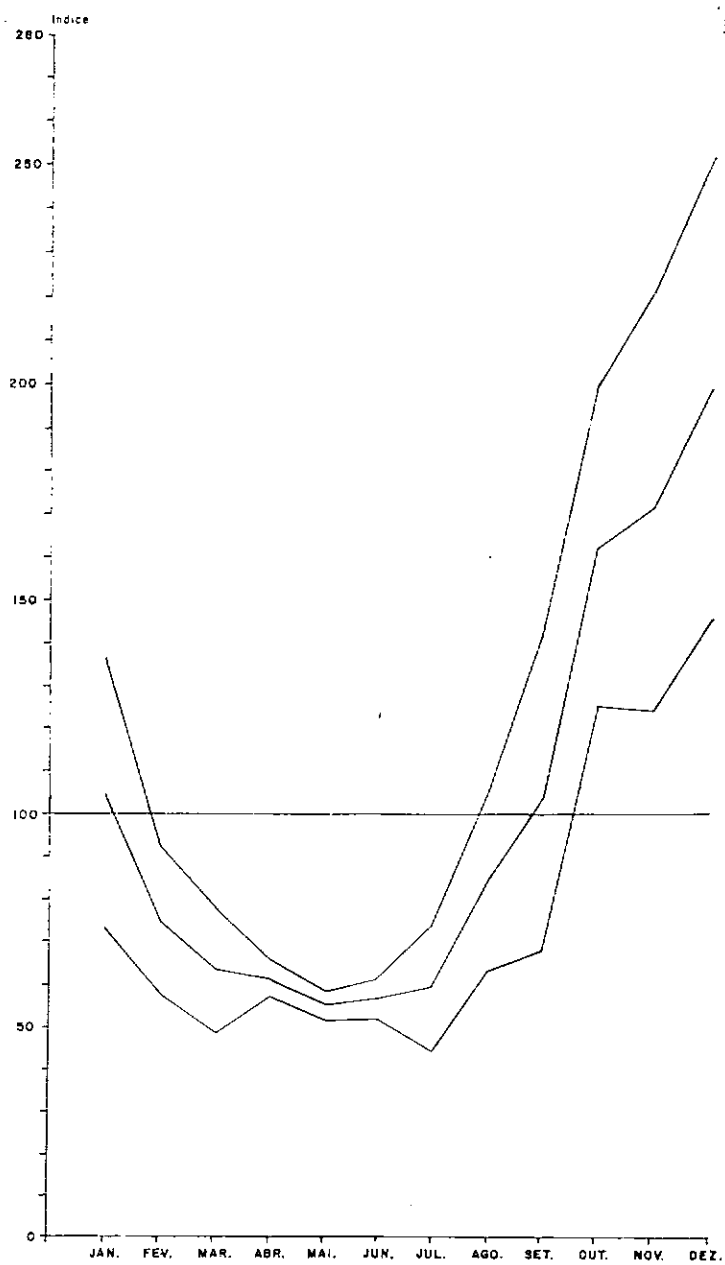


FIGURA 7. — Variação Estacional Média do Preço no Atacado de Abacate. São Paulo, 1964-68.

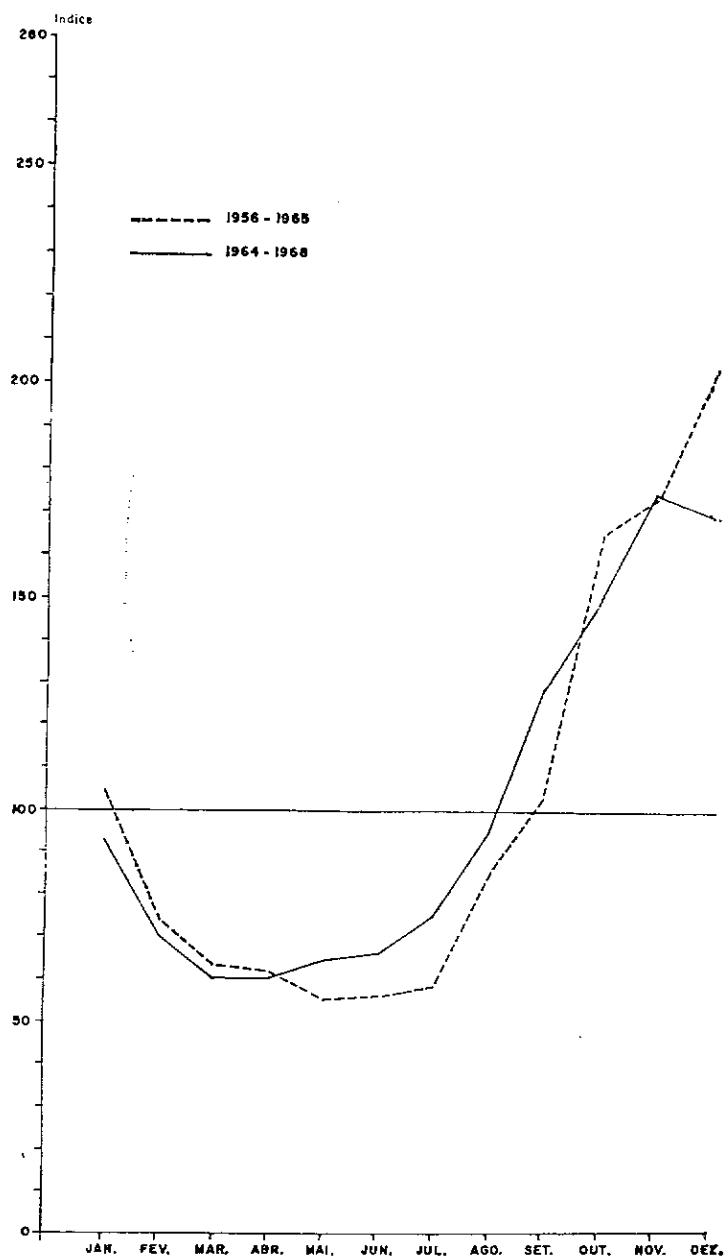


FIGURA 8. — Variação Estacional Média do Preço no Atacado de Abacate, São Paulo, 1956-68.

memente nos meses do ano. Devido ao maior número de plantas de variedades da raça antilhiana a maior produção é obtida durante o outono.

Na figura 6, visualiza-se a curva de entradas de abacate na capital em três períodos distintos. Saliente-se, entretanto, a tendência para maior uniformidade futura dessa curva, pelo aumento recente

de plantio de variedades das raças guatemalense e de híbridos.

Como se pode depreender do exame da figura 6, a época de grande produção de abacates em São Paulo está compreendida entre os meses de fevereiro e junho, quando aflui ao mercado cêrca de 68% da produção.

QUADRO 17. — Variação Estacional Média de Preço no Atacado do Abacate, São Paulo, 1964-68

Mês	índice sazonal	índice de irregularidade
Jan.	104,7	31,8
Fev.	74,7	18,0
Mar.	62,8	14,9
Abr.	60,1	4,8
Mai.	55,1	2,2
Jun.	56,0	5,4
Jul.	57,9	15,5
Ago.	84,4	22,4
Set.	102,6	35,1
Out.	164,3	39,3
Nov.	174,4	50,6
Dez.	202,4	55,9

Fonte: Hoffmann, Rodolfo (4).

Acompanhando a lei da oferta e da procura os preços obtidos são mais elevados no decorrer do segundo semestre, acontecendo o inverso nos meses de fevereiro a agosto, conforme se pode observar nas figuras 7 e 8 e quadro 17, relativo às variações estacionais de preços no mercado da Capital.

Finalmente, cite-se as crescentes quantidades que vem sendo comercializadas, anualmente, na Capital, de acordo com os dados mostrados no quadro 18, relativo às entradas de abacate no Entrepôsto Terminal do Jaguaré, o mesmo ocorrendo no Mercado Central da Cantareira, responsável pela venda de igual volume aquele transacionado no mercado terminal.

QUADRO 18. — Entrada de Abacate no CEAGESP (1), São Paulo

Mês	1968	1969	1970 (caixa)	1971
Jan.	17.257	12.986	16.313	13.643
Fev.	31.011	36.933	38.412	37.878
Mar.	46.902	54.892	51.436	80.954
Abr.	31.868	39.605	47.397	56.570
Mai.	21.471	28.377	31.558	39.457
Jun.	15.668	19.763	24.574	...
Jul.	16.473	17.596	22.744	...
Ago.	14.410	18.241	18.010	...
Set.	9.987	11.528	18.408	...
Out.	6.784	5.386	16.849	...
Nov.	1.923	1.971	8.395	...
Dez.	1.555	1.445	6.203	...
Total	215.309	248.813	300.299	228.502

(1) Companhia de Entrepôstos e Armazens Gerais de São Paulo.
Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

6 — CONCLUSÕES

Exceção feita aos Estados Unidos, onde a importação do abacate brasileiro é proibida pela Divisão de Quarentena de Plantas do Departamento de Pesquisas Científica do USDA, sob a alegação de que o nosso fruto apresenta doenças tais como a traça da semente, lagarta dos frutos e ainda a mosca das frutas, os mercados consumidores analisados oferecem amplas perspectivas ao produtor brasileiro.

Destarte, os mercados francês e inglês, podem ser paulatinamente conquistados desde que se mantenha regularidade no envio do produto, a par da qualidade homogênea, de modo a adquirir a confiança tanto dos consumidores quanto dos comerciantes.

O interregno que vai de março a setembro, conforme já vimos, é suprido de maneira irregular pelos produtos de Cameroun e África do Sul,

sendo esta a época na qual os nossos produtores têm maior chance de concorrência na exportação da fruta, devendo, evidentemente, remetê-la em tamanho não muito grande e com características semelhantes àquela de Israel, muito apreciada pelo consumidor.

Excluindo-se “a priori” o transporte aéreo por ser demais oneroso, e sabendo-se que à temperatura tropical a durabilidade do produto não ultrapassa 5 a 7 dias, o transporte do abacate deverá efetuar-se em navios dotados de instalações frigoríficas adequadas para perfeita conservação dos frutos, com temperatura mutável de acôrdo com a variedade. Saliente-se, também, que o transporte não deve ultrapassar mais do que três semanas da colheita até a venda ao consumidor.

Estes óbices não ocorrem em relação ao mercado platino, particularmente Buenos Aires, considerado um bom mercado, digno de ser melhor explorado.

As limitações para grandes aumentos das exportações para a Europa, no momento atual consistem nas seguintes :

— Reduzida produção das variedades mais aconselhadas para exportação ;

— Preços elevados no mercado interno durante a época de produção dessas variedades ;

— Falta de tratamento fitossanitário adequado dos pomares, fazendo com que os frutos já cheguem aos “packing houses” fora de melhores condições para transporte prolongado.

7 — SUGESTÕES

Não há necessidade do fomento a essa cultura por parte dos órgãos oficiais pois o interesse dos agricultores na formação de pomares de abacate tem sido grande. Vale lembrar, ainda que, sendo árvore com mais de dois metros de copa, pode ser plantada beneficiando-se dos incentivos fiscais concedidos pelo Governo dentro do programa de re-

florestamento do IBDF (Instituto Brasileiro Desenvolvimento Florestal).

Não se pode perder de vista os esforços realizados quanto à apresentação e a qualidade empreendidos pelo principal fornecedor do mercado europeu, qual seja, Israel, cujo avanço foi realmente notável em termos de organização comercial, fruto de profundas pesquisas.

Onde a ação governamental deve ser fazer sentir é nos seguintes pontos :

- a) Aprimoramento das práticas culturais, tais como adubação, poda, métodos de colheita, tratamentos fitossanitários, etc. ;
- b) Pesquisas de novas variedades visando-se principalmente as que contemplem melhores oportunidades de sucesso pelo produtor, quer seja no mercado externo quer seja no interno, de consumo ou de industrialização ;
- c) Pesquisas relativas à durabilidade comparada

das frutas em função da variedade e ponto de colheita;

- d) Pesquisas sobre critérios de colheita adaptados às condições do Estado de São Paulo;
- e) Pesquisas sobre meios de conservação dos frutos (refrigeração, atmosfera controlada, etc.) e sua influência na maturação;
- f) Estudos referentes às embalagens apropriadas

e condições mais propícias para a exportação "in-natura";

- g) Pesquisas no sentido de um maior aproveitamento industrial do fruto, como vem sendo feito nos Estados Unidos e França, face às inúmeras aplicações do produto tanto na alimentação como na indústria química e farmacêutica, na qual estão ocorrendo descobertas cada vez mais amplas do uso do abacate.

LITERATURA CITADA

1. BRASIL. MINISTÉRIO das RELAÇÕES EXTERIORES. Serviço de Propaganda e Expansão Comercial na Inglaterra. Relatório. Londres, 1963. 20p.
2. FRUIT REPORT. London, Reuters, 1963/70.
3. FRUITS: fruit d'outre mer. Paris, Institut Français de Recherches Fruitières Outre-Mer, 1963/70.
- 4. HOFFMANN, Rodolfo. Variação estacional dos preços dos produtos agro-pecuários no Estado de São Paulo. Piracicaba, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz", 1969. 184p.
5. MARKESON, Clyde B. Economic aspects of marketing Florida avocados. Washington, U. S. Department of Agriculture, 1963. 46p. (Marketing research report, 614)
6. MONTENEGRO, Heitor W. S. A cultura do abacateiro. São Paulo, Melhoramentos, 1960. 102p.
7. WILLIAMS, F. W.; BROOKE, D. L.; RIGGAN, W. B. The effect of price variation, skin blemish, and firmness on retail sales of Florida avocados. Gainesville, University of Florida, 1962. 38p. (Florida Agricultural Experiment Station Bulletin, 645)